

Realismo especulativo

Revista ECO-Pós v. 21, n. 2, 2018

Seríamos capazes de conhecer o mundo tal como ele realmente é? Ou o mundo não passa de uma construção social ou linguística? O caminho que o pensamento ocidental vem privilegiando desde ao menos Immanuel Kant costuma dizer não pra primeira e sim pra segunda. Kant insiste que "as coisas em si" são incognoscíveis; só podemos realmente ter certeza dos fenômenos – ou seja, como as coisas aparecem para nós. Pode parecer uma ideia distante, talvez envelhecida. Mas, ao contrário, vivemos cada vez mais sob sua influência. É mesmo uma espécie de senso comum, e até nossos alunos já a trazem na ponta da língua: nunca podemos ver as coisas como elas realmente são, pois jamais escapamos de nossas próprias, situadas, parciais e incompletas perspectivas em relação ao mundo. Vivemos hoje cada vez mais sob os perigos dessa estranha forma de aprisionamento. É como se, ao tomar cuidado para não nos sobrepormos ao mundo, acabássemos falando apenas de nós mesmos, de nossas perspectivas, particularidades e preconceitos.

Em 2007 quatro filósofos apresentaram trabalhos na Universidade de Goldsmiths em Londres sob a bandeira do que eles mesmos chamaram de realismo especulativo. Quentin Meillassoux, Graham Harman, Ray Brassier e Iain Hamilton Grant foram percebidos, por vezes, como um grupo relativamente homogêneo, embora alimentem diferenças tão grandes que não se pode dizer que compreendam uma única escola ou movimento filosófico. Suas obras, contudo, compartilham um mesmo ponto de partida: a ideia de que o primado da epistemologia sobre a ontologia que dominou a filosofia desde Kant a aprisionou no exame perpétuo das condições do pensamento. Ao se oporem ao que chamam de “correlacionismo” (termo criado por Meillassoux para descrever o tipo de filosofia que fundamenta todo o pensamento sobre a interação mútua entre o ser humano e o mundo), os filósofos do realismo especulativo afirmam a existência de uma realidade independente de qualquer acesso humano, e rejeitam a tese kantiana de que o

sentido do mundo depende do modo como nossas mentes (ou nossas línguas, ou nossas culturas) trabalham para estruturá-lo.

Para os realistas especulativos a realidade é muito mais estranha do que podemos imaginar. O mundo jamais está de acordo com as ideias que temos sobre ele. Ele não se adequa inteiramente aos nossos paradigmas cognitivos, representativos e narrativos. Não somos, nunca fomos, a única medida de todas as coisas. Ao contrário: o próprio fato de a "coisa em si" ser incognoscível, como o próprio Kant supõe, a torna adequada como objeto de especulação. Especular é fugir de nosso inveterado antropocentrismo e considerar a sério a existência de um mundo essencialmente estrangeiro e não humano. E a especulação não prevê um caminho pré-determinado. É uma viagem ao desconhecido, ou, como Steven Shaviro gosta de dizer: um salto para a incerteza fundamental. Nele, os realistas especulativos empreendem um retorno renovado à especulação metafísica, recuperam a obra de autores como Alfred N. Whitehead e William James, investem em novas ontologias, cosmologias e estéticas, e promovem uma nova pauta de reflexão filosófica na qual objetos ou entes não humanos se tornam alvo central das questões teóricas e investigações empíricas.

O realismo especulativo e seus desdobramentos mais diretos, como, por exemplo, a ontologia orientada aos objetos, faz parte, é preciso dizer, de um movimento maior. No século XXI temos estado às voltas com questões/problemas que ultrapassam o que antes circunscrevia o âmbito mais restrito das relações humanas: da mudança climática aos meios digitais de comunicação e à biotecnologia. De fato, o não-humano vem ganhando diversas vozes, articuladas por meio de uma série de plataformas, e com diferentes facções e frentes. Por vezes, sentimo-nos, como bem sublinhou Jussi Parikka em entrevista publicada nesta edição, como em *A vida de Brian* (Life of Brian, 1979), confusos entre a Frente Popular da Judeia e a Popular Frente da Judéia e outros grupos. Contudo, materialistas, realistas, e pensadores do Antropoceno e do não-humano concordam ao menos que a política do simbólico, da representação e da significação alcançaram uma espécie de situação sem saída.

Este dossiê visa, justamente, estimular a reflexão a respeito desse campo emergente, mapeando um conjunto diverso e disperso de abordagens críticas, teóricas e filosóficas, recentes e atuais, que vem ganhando terreno nas ciências humanas de maneira geral. A nossa aventura começa com Quentin Meillassoux em "Iteração, reiteração, repetição: uma análise especulativa do signo sem sentido", em que o pensador francês fornece uma crítica à filosofia pós-kantiana -

organizada em torno da ideia de que só temos acesso à correlação entre o pensamento e o ser. Ele insiste no que chama de ancestralidade: a existência indubitável do universo anterior à humanidade, ou a qualquer forma de vida, e, portanto, existente/presente de qualquer possibilidade de ser observada, interpretada ou avaliada. Kant diz que "as coisas em si" são incognoscíveis por causa das limitações de nosso próprio poder de compreensão, Meillassoux, em uma aproximação com a matemática, afirma, ao contrário, que essa incognoscibilidade é em si uma característica positiva das "coisas em si" - e que podemos comprovar isso com absoluta certeza. Hilan Bensusan mantém Meillassoux no horizonte ao investigar a possibilidade de uma "metafísica dos outros", contraposição ao que o autor denomina como os dois tipos de metafísica da subjetividade - o primeiro, baseado sobretudo em Hegel, e o segundo, em Whitehead e Bergson. Em um diálogo franco com as bases do realismo especulativo, Bensusan se alia a Meillassoux em "O realismo especulativo e a metafísica dos outros" para afirmar uma metafísica que envolva um menor compromisso com os procedimentos especulativos. Rodrigo Nunes, em "O que são ontologias pós-críticas?", enxerga certas insuficiências no pensamento especulativo e se pergunta: em que sentido podemos dizer que este retorno à filosofia especulativa não implica um retorno à metafísica dogmática? Ao questionar a narrativa dominante a respeito dos princípios da virada especulativa, o autor sugere que existem entre realistas e o correlacionismo uma continuidade maior do que se costuma imaginar. Ambos os projetos filosóficos podem ser descritos, segundo Nunes, como "ontologias pós-críticas".

A noção de ontologia perpassa muitas páginas deste dossiê. É dela, da negligência em relação a ela, da necessidade de se caminhar por ela, que falam a grande maioria dos artigos. É por uma ontologia da mídia que se levanta o teórico alemão Friedrich Kittler, argumentando, em primeiro lugar, que o privilégio na ontologia desde Aristóteles tem sido dado à matéria e à forma das coisas em detrimento da relação entre as coisas, o espaço e o tempo; e, em segundo lugar, a negligência à escrita como o seu próprio meio técnico. Ao defender uma maior consciência filosófica para os meios técnicos, Kittler nos alerta para o fato de que essas viradas especulativas, realistas, materialistas, já vinham sendo preparadas, ou já estavam presentes em uma série variada de pensadores associados à comunicação. A compreensão de que todo ato de comunicação exige a presença de um suporte material para se efetivar tem longas raízes em nosso campo, de Georg Simmel a Siegfried Kracauer, de Walter Benjamin a Marshall McLuhan, passando por toda uma geração de teóricos alemães (em grande parte radicados nos EUA), que

desde os anos 80 vêm se posicionando contra um discurso (ainda hegemônico) condicionado pelo paradigma hermenêutico, contra noções como as de que a cultura é somente doação de sentido ou aquisição de bens espirituais. Os artigos de Erick Felinto, Tiago Barcelos Pereira Salgado, Mark B. N. Hansen, e a entrevista com Jussi Parikka, caminham por este legado. Para Erick Felinto, a teoria da comunicação ainda necessita se envolver mais seriamente com a materialidade (corporal e incorporeal) das tecnologias que usamos para nos comunicar. Em “Realismo especulativo, comunicação e a lula-vampiro do inferno”, o autor investiga as causas do rápido êxito intelectual do realismo especulativo e sugere algumas justificativas para uma aproximação entre os estudos de comunicação e o jovem movimento filosófico. Ao longo deste processo, Felinto volta-se para a obra do tcheco-brasileiro Vilem Flusser, pensador que se assentava na tradição fenomenológica, nunca abandonou sua máquina de escrever e dedicou sua obra à dimensão material dos meios e das experiências comunicacionais, em nome de um conhecimento que emerja inteiramente do contato com os objetos. Para Felinto, nessa fronteira ontológica, nós humanos teríamos a capacidade de nos projetar imaginativamente em outras entidades, e essa projeção envolveria uma potente dimensão estética. Em “A virada não humana na comunicação: contribuições da Teoria Ator-Rede e da Ontologia Orientada aos Objetos”, Salgado aposta em uma revisão destas duas recentes correntes de pensamento para propor uma concepção não antropocêntrica de comunicação. Este também é o objetivo final de Hansen em “Whitehead, teórico da mídia?”, introdução ao seu ambicioso livro, *Feed-Forward: On the Future of Twenty-First-Century Media* (Chicago: University of Chicago Press, 2015). Com base no empirismo especulativo do filósofo Alfred North Whitehead, o autor investiga como as novas mídias chamam a atenção para elementos de sensibilidade que afetam grandemente a individualidade humana sem pertencer de forma alguma ao humano. Da mídia social à mineração de dados e às novas tecnologias de sensores, a mídia no século XXI trabalha em grande parte fora do âmbito da consciência perceptiva, mas ao mesmo tempo influencia todas as nossas sensações. Diante desta curiosa forma de paradoxo, Hansen enxerga a oportunidade para a elaboração de uma visão radicalmente nova do devir humano, que nos permita reagrupar o humano em uma visão não antropocêntrica do mundo e de nossa experiência nele. Jussi Parikka, por sua vez, em entrevista a Michael Dieter, reforça a necessidade de historicizar o recente entusiasmo pela materialidade em termos muito mais fortes do que fizemos até agora. “Não é tudo novo e recente”, diz ele, “mesmo que possa haver algo novo hoje sobre como abordar

alguns tópicos”. Em um breve passeio pela sua obra, entre vírus e insetos, o arqueólogo das mídias finlandês confirma que a sua maior preocupação é sempre como conjugar as diversas tradições de materialismo político como uma investigação pós-fordista revitalizada, juntamente com os projetos ontológicos relacionados aos animais e à natureza.

Os artigos que se seguem ampliam, cada um à sua maneira, o alcance e as ramificações das bases do realismo especulativo. Em “A fenomenologia dos videogames”, artigo que antecede o lançamento de uma das obras mais importantes do realismo especulativo, *Alien Phenomenology, or What It's Like to Be a Thing* (The University of Minnesota Press, 2012) Ian Bogost opera na esteira daquilo que Graham Harman chamou de Ontologia Orientada aos Objetos (OOO). Influenciada diretamente por Heidegger, a OOO sustenta que os objetos existem independentemente da percepção humana e não são ontologicamente exauridos por suas relações com os seres humanos ou outros objetos. Designer de videogames experiente e premiado, Bogost promove um deslocamento no que diz respeito aos estudos dos videogames. Ao foco deslizante entre “regras ou história” e “jogador ou jogo”, o teórico americano contrapõe um outro componente-chave: o próprio computador. Seu texto nos oferece um modo de se pensar acerca da fenomenologia do videogame a partir da perspectiva do computador. Partindo do interesse da chamada virada especulativa pelo desenvolvimento de ontologias planas, capazes de abordar a coexistência entre seres de diferentes naturezas sem basear-se em hierarquias pré-estabelecidas, Isabel Jungk recorre a um curioso aliado: Gilbert Simondon. Em seu ensaio “Contribuições de Simondon para o realismo contemporâneo: ontogênese e evolução dos objetos técnicos”, ela salienta como o pensador elabora uma ontologia plana no que concerne as inter-relações entre seres humanos e técnicos. Um diálogo que visa evidenciar a urgência de uma nova tomada de consciência acerca do valor ontológico de cada ente, bem como do valor humano contido nas criações técnicas. Diogo Bogéa se aventura em um diálogo mais inusitado em “Transas possíveis: Nova Psicanálise e virada especulativa”. Entre o realismo especulativo e a chamada nova psicanálise de MD Magno, o autor enxerga um mesmo ponto de partida: a necessidade de responder ao próprio movimento de um mundo em que se tornam mais frequentes e intensas o que ele chama de “transas” entre natureza e cultura, humano e máquina, real e virtual – a ponto das próprias fronteiras começarem a se tornar indiscerníveis. Para Bogéa, contudo, a crítica de Magno ao “correlacionismo” kantiano – e conseqüentemente à redução lacaniana dos processos psíquicos ao “simbólico” – é ainda mais radical que a de Meillassoux.

Não se trata apenas de encontrar uma via de acesso a uma realidade independente do sujeito, mas de eliminar a suposição de “sujeito” e, dessa forma, eliminar a noção de “acesso privilegiado” à realidade. Nessa concepção, a Nova Psicanálise engendraria aspectos tecnológicos e comunicacionais buscando transformações nos temas caros à psicanálise, compreendendo-os de forma não antropocêntrica, não tecnocêntrica e não sujeitocêntrica. Mais concentrada em questões inerentes à arte estética contemporânea, Lucia Santaella investiga, em “Uma filosofia disruptiva para uma arte disruptiva”, as afinidades e ressonâncias entre o realismo especulativo e a arte contemporânea. No seu panorama, Santaella salienta diversas formas de compreender essas ressonâncias e interações entre obras artísticas mais atuais e seus anseios de criar crises nos paradigmas de pensamentos que possuem o sujeito como centro das suas inquietações. Não deixa de ser curioso. A estética não é um tema assim tão recorrente entre realistas especulativos; ainda assim, pode-se dizer, sem titubear, que o projeto especulativo faz da ontologia uma estética.

O dossiê toma um rumo diverso em “Uma introdução ao FOO”, de Katherine Behar, e “Antropologia e xenologia”, de Marco Antonio Valentim. Ambos os artigos sublinham, ora de maneira direta e frontal, como no caso do primeiro, ora de forma mais tangencial, como no segundo, o lugar de fala dessa virada especulativa, masculina, branca e ocidental, que, quando não devidamente assumido e ou analisado, acaba reproduzindo as mesmas distorções, resquícios da mesma arrogância que nos trouxe até aqui. Ao inverterem as noções em jogo, Behar e Valentim nos mostram que o realismo especulativo revela na verdade o quão restrita e opressiva é a concepção de mundo que o pensamento ocidental nos impôs. Behar insiste que muitas pessoas sempre foram vistas como objeto e não viam nisso nenhum motivo para celebração. Seu ensaio, uma introdução a uma das primeiras coletâneas do que vem sendo chamado de Feminismo Orientado aos Objetos (OOF), propõe uma intervenção feminista nos debates ontológicos, os quais, fomentados por filósofos e homens brancos passam ao largo de questões políticas, eróticas e éticas próprias da tradição da teoria feminista. Muito debatida pelas feministas, a noção de objeto obtém novas concepções e epistemes quando vista por esse prisma e passa-se de uma ontologia orientada ao objeto para uma outra, não-linear, que se orienta 'em torno' do objeto. Valentim opera na herança do perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro e no campo emergente da antropologia especulativa. No coração de seu texto está a noção de que as ciências do homem (as antropologias) precisam se converter em humanidades,

ou seja, especular sobre as definições de homem e mundo, descobrindo outras humanidades e mundos. A partir de um comentário à “Anedota das Antilhas” interpretada por Claude Lévi-Strauss em *Tristes trópicos*, o autor se aproxima da ficção científica para especular entre um conceito de humanidade enquanto grau zero da estrangeiridade humana e um outro conceito também de humanidade enquanto grau zero de estranheza extra-humana. No ensaio, questões caras à antropologia, como a alteridade, obtêm matizes cosmológicas e multinaturalistas.

O dossiê se encerra com dois Portfolios e uma resenha sobre o livro *The Universe of Things: On Speculative Realism* (University of Minnesota Press, 2014), de Steven Shaviro, um dos comentaristas mais aguçados do realismo especulativo nos últimos anos. Ádamo da Veiga dá conta da redescoberta e do protagonismo que Shaviro concede à filosofia de Whitehead, e, a partir do primado da afecção, o autor dissecar a estrutura da metafísica whiteheadiana de Shaviro, baseada em três pontos centrais: antropomorfismo, vitalismo e pampsiquismo. O pampsiquismo - a teoria (com larga, embora pouco discutida, tradição no pensamento ocidental) de que a mente existe, de alguma forma, em todas as coisas, concebendo a mente como um fenômeno geral da natureza - contamina os Portfolios deste número, seja no conto de Rudy Rucker (“Pampsiquismo provado”), em que um flerte travestido de experimento científico nos aproxima da experiência de uma rocha, seja nas imagens e obras de Mariana Manhães, em que situações limítrofes solicitam agenciamentos sem direções seguras, em que objetos, únicos e enigmáticos, desfilam e borram certas fronteiras de nossa percepção.

Com esse conjunto de ensaios, posicionamentos, revisões e reflexões, este dossiê oferece ao leitor a possibilidade de conhecer, discutir e se aprofundar em um campo filosófico, estético e tecnológico que, embora recente, vem tencionando de maneira tenaz sólidos paradigmas das ciências humanas. Trata-se de uma coletânea de textos realmente raros de encontrarmos em língua portuguesa, ensaios que, seguramente, estimularão boas reflexões vindouras no nosso campo de conhecimento.

Este segundo número da *Revista ECO-Pós* em 2018 se encerra com uma seção Perspectiva, como de costume, bem variada. À luz das contribuições da psicanálise e da semiótica narrativa

Dossiê **Realismo Especulativo** – revistas.ufri.br/index.php/eco_pos – ISSN 2175-8689 – v. 21, n. 2, 2018.

DOI: 10.29146/eco-pos.v21i2.20510

Vanessa Brasil Campos Rodríguez propõe uma reflexão sobre a imagem da mulher na publicidade sedutora de perfume em “A publicidade sedutora de perfume como materialização da fantasia do histórico. Análise de anúncios gráficos onde o corpo feminino apresenta-se como extra-sexual”. Rodrigo Daniel Sanches e Norval Baitello Jr. Se debruçam sobre as relações entre o corpo biológico (coagido pela exortação à visibilidade) e o corpo-perfeito que circula no ambiente midiático, partindo do caso da modelo Andressa Urach em “O processo iconofágico na relação entre o corpo feminino e as imagens midiáticas: o caso Andressa Urach”. Já Cristina Nunes de Sant’anna e Roberto Vilela Elias visam em “O réveillon nosso de cada ano novo: Um megaevento em discussão” trazer uma contribuição ao estudo dos megaeventos, bem como o papel das múltiplas comunicações e culturas na rotina e na memória das cidades de seus muitos atores durante e depois destes acontecimentos. Enquanto Angela Cristina Salgueiro Marques recorre em “O enquadramento biopolítico de pessoas empobrecidas: entre o governo dos corpos e a biopotência de modos de vida na imagem fotográfica” a imagens institucionais de beneficiários do Programa Bolsa Família para mostrar como o governo biopolítico e neoliberal dos corpos coletivos envolve a produção de narrativas, argumentos e enunciados que passam a traçar distinções entre modos de vida considerados dignos e aqueles amplamente percebidos como menosprezáveis. Em “Imagens de si: o jornal *Zero Hora* é notícia e anunciante (2015-2017)”, Ana Cláudia Gruszynskii e Cristiane Lindemann identificam e avaliam em trabalho de fôlego articulações entre os posicionamentos editorial e comercial adotados pelo jornal *Zero Hora*, tendo em vista a construção de uma imagem da publicação em meio aos processos de convergência. Por fim, com Italo Calvino e Martin Heidegger no retrovisor de “Contribuições para uma crítica da exatidão”, Gustavo Castro problematiza a noção de exatidão como palavra-chave para o projeto de ciência e modelo de rigor científico, e aponta para a necessidade de retomar a crítica à concepção de realidade consagrada tradicionalmente pelo jornalismo.

Boa leitura a todos.

Pablo Gonçalo (UNB)
Julio Bezerra (UFRJ)

Com a colaboração da Equipe Editorial da *Revista ECO-Pós*.

EXPEDIENTE

Dossiê **Realismo Especulativo** – revistas.ufri.br/index.php/eco_pos – ISSN 2175-8689 – v. 21, n. 2, 2018.
DOI: 10.29146/eco-pos.v21i2.20510

EDITORES ADJUNTOS

Anita Leandro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Janice Caiafa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Julio Bezerra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Luíza Alvim, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Alessandra Maia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Arthur Seidel – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Cíntia Albuquerque – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Daniel Fonseca – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Luana Bonone – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Mônica Torres – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Paulo Faltay – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Pedro Neves – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Raquel Timponi – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Janaina de Mello Fernandes

INDEXAÇÃO

Fernanda Lima Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

TRADUÇÃO E VERSÃO

Roberta Avillez, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Bárbara Bergamaschi, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Julio Bezerra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ciro Lubliner, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Joana Negri, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Camila Vieira da Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Indira Rodrigues de Oliveira

CAPA

Imagem: Os (dois jarros), de Mariana Manhães
Designer: Daniel Araújo de Costa

DIAGRAMAÇÃO

Diego Paleólogo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Paloma Palácio, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Janaina de Mello Fernandes

WEBDESIGN

Daniel Araújo de Costa

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos
Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos
Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Francisco Rüdiger, PUC-RS, Brasil
Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina
Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca
Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos
Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha
Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil
Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos
Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Mateus Araújo, Universidade de São Paulo, Brasil
Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos
Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina
Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Othon Jambeyro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos
Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

André Keiji Kunigami, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Anita Leandro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Benilton Bezerra Jr., Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Consuelo Lins, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Cristina Bonfiglioli, Universidade de São Paulo, Brasil
Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Fonseca de Castro, Universidade Federal do Pará, Brasil
Flavi Ferreira Lisbôa Filho, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Gabriela Zago, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Igor Sacramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Jamer de Melo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Janete Oliveira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Laura Cánepa, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil
Luiz Carlos Oliveira Jr., Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Miguel Pereira, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Patrícia Burrowes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Patrícia Machado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Paulo Boni, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Paulo Victor Barbosa de Sousa, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Rita de Cássia Alves de Oliveira, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Ricardo Freitas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Ricardo Pimenta, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasil
Roberta Veiga, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Rodrigo Carreiro, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rogério Luis da Rocha Seixas, Universidade de Barra Mansa, Brasil
Silvana Louzada, Instituto Federal de Educação, Brasil
Vania Oliveira Fortuna, Universidade Veiga de Almeida, Brasil

